

# Um consumidor que paga à vista

André Garcia  
de Brasília

Baixo grau de instrução, nenhuma especialidade técnica. É com este perfil que o migrante chega ao Distrito Federal em busca de oportunidades de emprego. As filas nas empresas de construção civil, vigilância e serviços domésticos, que normalmente absorvem este tipo de mão-de-obra, engrossam cada vez mais. Apesar de todas as dificuldades, como consumidor, o migrante movimenta a economia. Existe toda uma malha de estabelecimentos - feiras, mercearias e botecos - que ganham com sua permanência na cidade. O migrante é um consumidor sem crédito na praça e que costuma pagar tudo à vista ou, no máximo, fazer um fiado na mercearia. "A renda que o migrante faz circular tem efeitos multiplicadores. Há muitas pessoas que conseguem colocação no mercado e renda em atividades voltadas aos

migrantes, o que diminui os efeitos do desequilíbrio no fluxo migratório", avalia o coordenador da Pesquisa de Emprego e Desemprego do DF (PED-DF), realizada pela Codeplan, Jusçanio Umbelino.

A dificuldade dos migrantes em encontrar ocupação formal pode ser observada pelos dados da última PED-DF, realizada em abril de 1998. Dos 451,3 mil trabalhadores ocupados no setor privado, 56,1 mil trabalham sem carteira de trabalho. Segundo Jusçanio, pelo menos 80% desse número se refere a trabalhadores que vieram de outros estados.

No setor privado, a construção civil é a principal responsável pela absorção de mão-de-obra migrante. Para o presidente do Sindicato das Indústrias de Construção Civil do DF (Sinduscon), Adalberto Valadão, este fenômeno acontece pelo próprio perfil do setor. "Não exigimos uma mão-de-

obra especializada", explica.

O trabalho autônomo é outra alternativa de ocupação dos migrantes. Umbelino destaca que nos assentamentos, o migrante encontra uma atmosfera favorável, com serviços constantes que possibilitam os bicos. "Nos mesmos assentamentos onde eles moram, sempre há uma construção sendo feita, o que abre espaço para pedreiros, por exemplo", analisa.

Para o presidente da Associação Comercial da Ceilândia (Acic), Álvaro Iaccino, a possibilidade do trabalho autônomo acontece quando a família do migrante tem uma tradição em determinada área. "Se o pai é pedreiro ou mecânico, o filho acaba seguindo a profissão", diz. Ele caracteriza esse migrante como qualificado, pois tem uma base familiar que lhe dá condições de procurar um emprego. "São pessoas que vêm morar na casa de familiares e têm tempo livre para fazer

bicos, ou trabalhar como autônomo", diz.

Se por um lado o migrante faz pressão sobre a População Economicamente Ativa, acirrando a disputa por empregos formais, como consumidor ele acaba gerando renda. "O migrante influi no comércio. É um cara que não compra à prazo, porque não tem cheque, nem cartão de crédito. Vai pelo preço e compra sempre perto de casa, para poder ter a confiança do dono da mercearia e abrir uma caderneta, que ele pode pagar no final do mês", diz o presidente da Acic.

Essa movimentação de renda dos migrantes é que, de acordo com o coordenador da PED, vem impedindo consequências mais graves por conta do fluxo migratório. "Os migrantes acabam criando nos assentamentos uma série de atividades econômicas, que ocupam pessoas que poderiam estar sem emprego", diz Umbelino.